Goodyear NEWS
Estafeta da Comunicação na Formação
Nº 13 | NOVEMBRO/DEZEMBRO 2012

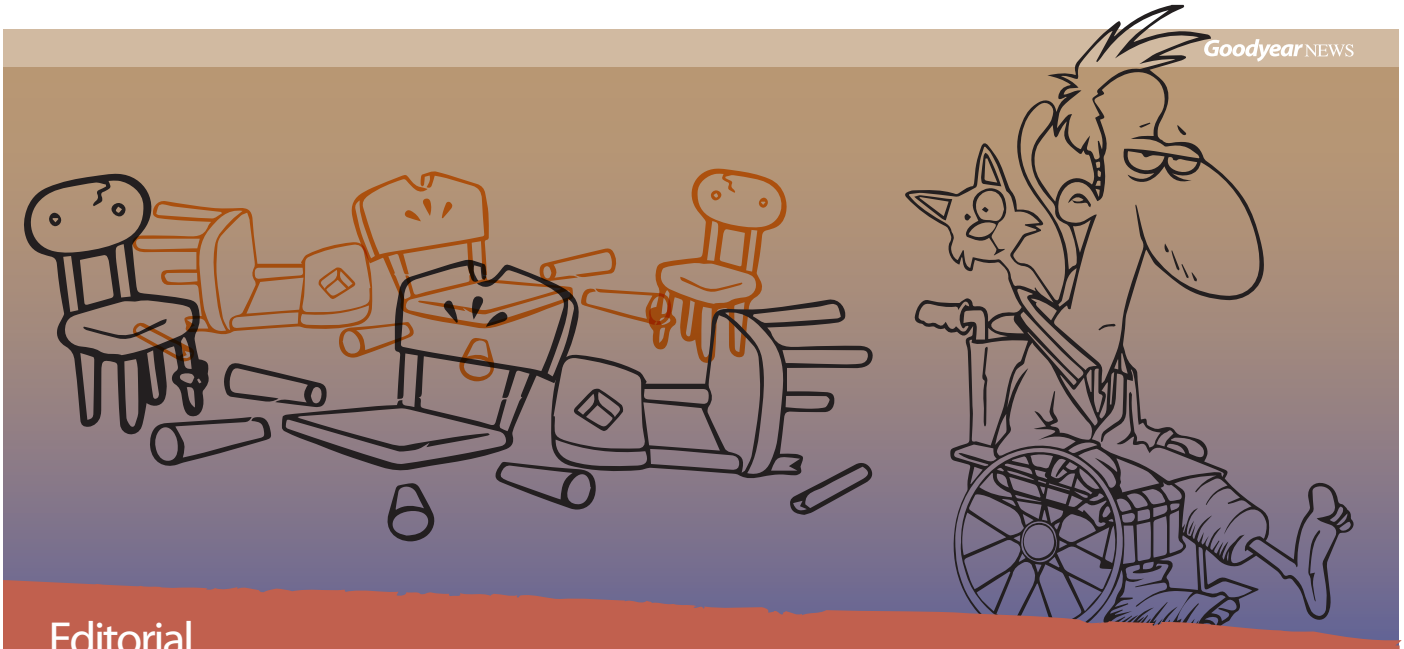
CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

# O BURRO DO PRESÉPIO

Ilustração: Regina Dinis

"Além de levar a carga, tem de se compreender o que a carga tem dentro.
É preciso perceber que no jugo que nos oprime está Jesus.
O burro do Presépio levava uma mulher, como tantas outras. Mas a Senhora tinha dentro de si o Salvador. Era isso que fazia dela a mãe de Deus e dele o burro do Presépio.
Aqueles que pretenderem seguir os seus passos para chegar ao Céu têm de reconhecer que dentro de tudo o que levam na vida está o mesmo Jesus.
Só assim a vida ganha sentido. Só assim a tarefa bruta, árdua, pesada que repetimos quotidianamente se torna caminho de salvação."

João César das Neves



Editorial

# Há coisas que não devemos dizer sentados!

Carlos Nobre
Castor inteligente

Para os que foram ainda educados em alguma disciplina e método não estranharão que a existência de normas, de lugares próprios, de espaços adequados e de sítios aptos e convenientes a determinadas funções e tarefas não são meros embustes ou simbologia em desuso, mas sinais pisteiros, marcas humanas atuais, de timbre permanente e de ponderada e persistente importância. Estes sinais globais são como que um olhar que vê os contornos do horizonte, mas se situa acima dele…

Assim definiria o último Sínodo dos Bispos realizado em Roma. E porquê? Católico, com a presença de bispos dos quatro cantos do planeta, e de outros participantes e convidados, reuniu para refletir como anunciar e viver a fé em Jesus Cristo, o filho de Deus vivo (convém não esquecermos que ressuscitou na manhã do domingo de Páscoa) e como anunciá-l'O aos nossos irmãos, neste tempo, e nos diversos recantos da nossa humanidade e culturas. Evitemos contudo alguns equívocos… Não, não pensemos que tocou a "sineta" ou qualquer outro alarme, que a causa está no facto de a Igreja ter deixado de ter "clientes", ou que as razões de tão grande evento são inversamente proporcionais aos lugares que ficam vazios nas nossas igrejas e nas nossas celebrações. Não! A Igreja sempre se reuniu ao longo dos séculos nos tempos que considerou oportunos… e estes são igualmente tempos propícios, favoráveis. E, são os nossos!

Ao constatar que vivemos todos num mundo secularizado e dessacralizado, não deixou de ver exatamente aí, onde uns colocam a culpa, oportunidade de incomensuráveis possibilidades. Mas, para que tal aconteça, temos de nos tornar membros de uma Igreja de convertidos (a Jesus Cristo e não comprometidos com o século). A vivência da fé é um modo de ser, uma maneira de se estar, um estilo de vida inconfundível… mas o que acontece, sobretudo na Igreja da "velha" Europa cristã (?!?) é que à semelhança de José e Maria que perderam Jesus em Jerusalém, a Igreja de hoje (e a Igreja de hoje somos todos nós os batizados) também perdeu Jesus! E, o que talvez seja o pior de tudo isto, é que não nos aproximamos de José e Maria na sua aflição e não nos parece assim tão grave tal sumiço!

Muitos batizados vivem normalmente sem considerar Deus útil à sua vida. Depois, não nos admiremos que ao transformarmos Deus numa ideia, este não passe rapidamente a ser uma mera opinião! Não nos admiremos que aqueles que são Seus filhos, de um repente, passem a coisas. E, as coisas não se amam… só há amor entre pessoas! Só é possível amar pessoas vivas e que se relacionam! Só Deus explica a nossa interioridade, só em Deus o nosso coração encontra interlocutor, só em Deus a existência humana tem sentido. Contudo esta fé, que ainda dizemos de vez em quando "que nos gloriamos de professar", ou entre nós escuteiros que dela nos orgulhamos e "que orienta a nossa vida", deixou de ser um pressuposto óbvio, axiomático.

Saber a doutrina? Mas, não se vive perfeitamente? Não é dispensável?

Todavia, a verdade de Jesus de Cristo, como tal, nunca desaparece! Há um salto que está a custar dar, aquele salto que nos retira dos charcos insípidos da nossa indiferença e mediocridade para nos revelar um mundo novo, atrativo e feliz. Mas porque nos custa dar este salto? Porque é preciso desejá-lo!

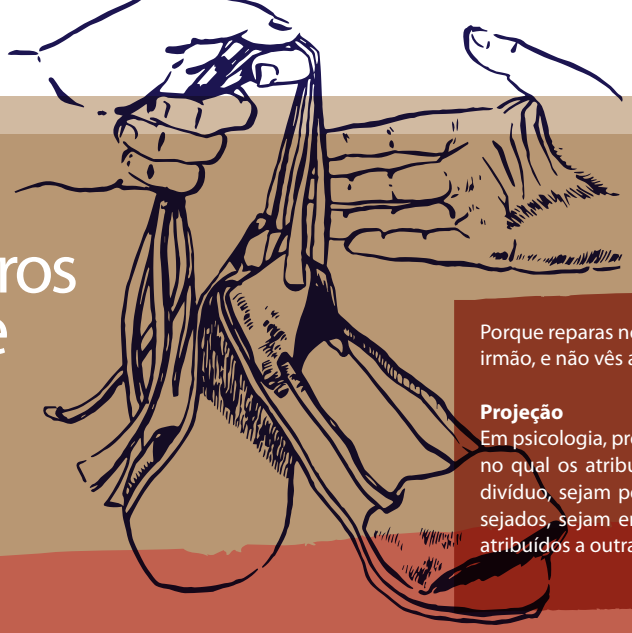
A fé é um trabalho pessoal que resulta do meu encontro com Cristo. E… fazer este encontro com Cristo Jesus necessita de conhecimento, tempo, silêncio, despojamento, coragem, querer! A fé é uma relação pessoal, isto é, entre pessoas, entre mim e Jesus, que está vivo (não há relação com mortos) e que me libertará para uma nova dimensão de Homem e de participação no devir da humanidade. E isto, verdadeiramente, nunca o poderemos proferir a não ser de pé!

Também queres ser destes? Se o queres, tens nos próximos dias uma nova oportunidade. Chama-se Natal!

Sentinela

# Fé: eu, os outros e o assistente

Pedro Duarte Silva
Secretário Nacional Pedagógico



Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não vês a trave que está na tua vista?

Mt 7, 3

**Projeção**

Em psicologia, projeção é um mecanismo de defesa no qual os atributos pessoais de determinado indivíduo, sejam pensamentos inaceitáveis ou indesejados, sejam emoções de qualquer espécie, são atribuídos a outra(s) pessoa(s).

Wikipedia

É natural que a fé – a formação na fé, a animação da fé – seja tema recorrente nas análises, reflexões e debates da associação, mormente entre formadores e responsáveis pela formação.

O CNE é um movimento da Igreja que promove a educação não-formal de crianças e jovens segundo o método escutista de Baden-Powell e à luz do Evangelho, daí que essa recorrência temática não só não se estranhe como mesmo se justifica.

O que já poderá parecer estranho é a falta de progressividade desse mesmo debate, o repetidas vezes diagnosticarmos o óbvio e já anteriormente diagnosticado, os velhos e repisados argumentos do costume, a inconsequência prática desses debates e diagnósticos.

Atrevo-me a dizer que a nossa associação – ou seja, nós todos, cada um de nós… - é profundamente imaturo nesta análise, reflexão e debate.

Por mais sofisticados que sejamos noutros, face a outros temas, neste somos imaturos.

Por muito que comecemos o debate centrados na primeira pessoa – Eu ou Nós -, este rapidamente resvala para a terceira pessoa – os Outros! E, não tarda muito, o sujeito da conversa é (são) o(s) Assistente(s)!

Estranha sequência linguística, esta. Ou talvez não…

Uma das primeiras observações de um exercício deste género –nem me atrevo a chamar-lhe conclusão, já que é dado há muito adquirido – é a escassa preparação dos formadores (à semelhança do que se passa com os dirigentes na sua generalidade) neste campo, o que é reconhecido como evidente handicap.

Então, vejamos: i) a missão educativa do CNE exige uma maturidade na fé consolidada, a função formativa – por maioria de razão – exige uma particular preparação neste – como noutros – temas; ii) há um reconhecimento de lacunas formativas (ou, pelo menos, falta de à vontade) neste campo.

De entre pessoas, racionais e empenhadas no seu compromisso educativo/formativo, que seria então de esperar? Obviamente, uma procura pessoal de formação adicional (aprofundamento catequético, aprofundamento espiritual, etc.) que suprisse lacunas. E, natural seria, que do ponto de vista coletivo se gerasse um ambiente ou cultura que impulsionasse essa busca individual de formação pessoal.

Ora, sem necessidade de qualquer dose de atrevimento, parece-me evidente que este não é o nosso caminho. Não é que não seja o caminho que nós devamos prosseguir, mas – verdadeiramente – não é o caminho pelo qual estamos a optar. Não que premeditemos tal opção, mas ela evidencia-se como se de uma tácita coligação negativa se tratasse.

Por que se verifica tal?

Todo o ser preza muito a sua zona de conforto, e nela permanecer. Tal tendência é ainda mais acentuada em quem ocupa posições de ascendente sobre terceiros como é o caso tanto do educador como do formador. E se, no caso do educador, a preponderância etária ainda pode servir como muleta perante os titubeios da insegurança, no caso do formador menos, pois a paridade etária ou a proximidade de estatuto anulam tal.

Perante a insegurança de quem se vê fora da sua zona de conforto, insegurança acentuada porquanto poderemos pensar que tal afeta a nossa credibilidade ou estatuto enquanto formadores, existem sempre duas soluções: assumir ou negar.

Como negar em absoluto seria excesso de desfaçatez, a melhor forma mesmo de se escapar dela é projetar.

Como? Deixando subtilmente a conversa resvalar na pessoa: os Outros… Já não somos Nós que temos falta de formação ou que temos lacunas, são os Formadores que têm falta de formação ou demonstram lacunas, os Outros… E a projeção sublima-se quando encontramos um bode expiatório (nada como a existência de um culpado indesmentível para associar o 'crime' e atestar a inocência dos demais) e o mais adequado – pelo menos a recorrência estatística assim o aponta – parece ser o Assistente.

E, portanto, como são os Outros que têm tal carência formativa, ou até é ao Assistente que competem em regime de exclusividade tais matérias, Eu estou inocentado… Logo, por que deveria eu procurar com afã formação adicional nesta matéria, seja lendo, frequentando formações ou catequeses para adultos, aprofundando a minha vivência espiritual, etc.? Eventualmente como interesse meramente pessoal o pudesse fazer (mas o tempo…), mas como imperativo moral da minha missão e compromisso nem vejo tal necessidade…

E, reagindo cada qual desta forma, o resultado estatístico é a reduzida procura desse aprofundamento, o resultado cultural é o fraco impulso para que cada um de Nós o faça…

A projeção é mesmo eficaz! Absolve-nos de uma carga de trabalhos e afasta-nos das nossas inseguranças. Ora, que solução ótima!

Porém, não o é! Ainda que do ponto de vista pessoal – e estou a falar de reações e comportamentos muitas vezes subconscientes – o possa parecer, pois mantém-nos confinados na nossa zona de conforto e segurança, face ao nosso compromisso e missão é incongruente.

Se pretendemos educar e formar pelo testemunho, também aqui somos chamados a ser testemunho. E ser testemunho aqui – como noutros campos – é assumir as nossas fraquezas e lacunas, é não ter medo ou pudor de as reconhecer, e ter a coragem de procurar preencher, buscando a formação que nos falta (e que – face à nossa missão – nos faz falta). Seremos assim educadores e formadores mais completos e seguramente mais eficazes, porque então testemunharemos uma formação adicional e essencial que adquirimos, sobretudo porque seremos testemunhos de uma atitude de coragem e coerência.

É que Cristo também saiu da sua zona de conforto… – Encarnou e fez-Se homem. Para nossa salvação…

Neste Natal, perante a fragilidade daquele Menino que é Deus encarnado, reflitamos um pouco sobre tudo isto…

Para lá da cerca

# A Educação estética da juventude

Nuno Higino

## 1. A RELAÇÃO ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO

Relacionar a arte com a educação é uma ideia que está nas raízes da nossa cultura ocidental e encontra-se muito desenvolvida sobretudo em Platão. As crianças devem ser postas em contacto com as histórias (ou *mitos,* segundo o termo da época) mais belas. A escolha desses relatos deve ser feita com máximo cuidado, já que, por um lado, as crianças não conseguem discernir entre o que é alegórico e o que não é e, por outro lado, ainda segundo Platão, as impressões recebidas na infância são as mais difíceis de apagar ao longo da vida. O contacto com as obras belas excita os sentidos, qual 'brisa fresca que traz saúde desde lugares salubres e, desde tenra idade, conduz as crianças para a afinidade, a amizade e a harmonia com a beleza racional' (República, III, 401 c-d). O papel dos sentidos é reconhecido como determinante na educação estética, ainda que Platão faça uma reserva por causa do caráter ambivalente das perceções. Com efeito, há perceções que estimulam a inteligência em vista duma melhor compreensão do mundo, mas há outras perceções que são enganosas e não oferecem nada digno de confiança. Platão é, enfim, partidário duma pedagogia educativa que conduza ao desenvolvimento harmonioso daquelas qualidades naturais para as quais a criança está naturalmente orientada. Educar brincando com histórias e outras belezas contribui para compreender a natureza das coisas e para uma melhor e mais responsável integração na cidade dos homens.

Este programa foi retomado no século XVIII pelo filósofo alemão Friedrich Schiller na sua obra *Kallias. Cartas sobre a educação estética do homem.* O ambiente ilustrado em que viveu Schiller favoreceu o desenvolvimento das suas ideias. Com efeito, o tema da educação é um tema tipicamente ilustrado, pois a educação é entendida como o principal instrumento que pode libertar o género humano daquilo a que outro ilustrado da época, Immanuel Kant, chamou a 'menoridade': a culpável incapacidade do homem para assumir o seu destino histórico. Só o farol da razão pode permitir essa libertação. Schiller entendia que o processo educativo só poderá ser verdadeiramente implementado no espírito dos jovens por meio da experiência da beleza. E, neste aspeto, demarca-se do ideal ilustrado que assentava os seus pressupostos para a emancipação do homem na libertação da razão. Neste caso Schiller coloca, de alguma forma, a beleza no lugar que a Ilustração destinava à razão. O enobrecimento do espírito humano – objetivo último da educação – advém do seu caráter estético, isto é, da sua maneira de ser e de pensar segundo a direção apontada pela beleza.

## 2. A DIFERENÇA ENTRE EDUCAÇÃO ESTÉTICA E EDUCAÇÃO PELA ARTE

'Educação estética' e 'educação pela arte' são termos usados mais ou menos indistintamente. Mas não significam o mesmo. A educação pela arte é apenas um campo da educação estética. Esta tem um significado mais vasto e refere-se a tudo aquilo que, excitando os sentidos (*aisthetón,* donde provém o termo 'estética', refere-se àquilo que pode ser apreendido pelos sentidos), pode contribuir para uma maior harmonia com a natureza e a cidade. A arte é apenas um âmbito da estética, pois os sentidos podem ser 'tocados' por outros motivos como, por exemplo, a natureza. À estética interessam a beleza natural e a beleza artística. A experiência estética pode ser despertada tanto pela contemplação das cataratas do Niagara ou dum pôr do sol como por uma obra de arte: uma música, um poema, uma pintura, uma escultura, um edifício, etc. Quando dizemos que uma paisagem ou uma pessoa são uma obra de arte, sabemos o que isso significa mas não estamos a falar corretamente. Uma obra de arte é algo criado pelo homem, fruto da sua imaginação e da sua capacidade inventiva. 'Anunciação', de Fra Angélico, 'Girassóis' de Van Gogh, 'Flauta mágica', de Mozart, 'Lusíadas', de Camões, são obras de arte. Uma bela mulher ou um belo homem não são uma obra de arte. A educação estética é, portanto, uma educação da sensibilidade, uma aprendizagem do gosto. Gostar de ver, de ouvir, de sentir: aprender a ter bom gosto. Trata-se de um processo complexo que demora uma vida e está em constante aperfeiçoamento. Degusta-se, prova-se primeiro, para depois gostar de verdade. E gostar da verdade. Há na estética uma passagem subtil para a ética. Aliás, na linguagem comum, nós estamos sempre a invadir estes dois campos. É frequente dizermos duma música que nos agrada: 'que boa música!'. Ora, a bondade é do domínio da ética. É frequente também dizer duma atitude altruísta: 'que bela atitude!'. Ora, a beleza é do domínio da estética.

## 3. A ESTÉTICA COMO PEDAGOGIA

Há entre a estética e a educação pelo menos um ponto em co-

mum: pouca coisa é pacífica quando se fala duma e quando se fala doutra. São realidades complexas e, como tal, não podem ser pensadas, nem muito menos resolvidas, de forma simples. Mas podemos aprender a mover-nos melhor dentro delas. O facto de conhecer as causas e os seus efeitos do trânsito caótico numa determinada cidade não o torna mais simples, mas ajuda a mover-se melhor dentro dele. Mas, apesar disto, a estética e a educação posicionam-se em campos bastante diferentes: a educação obedece a princípios mais ou menos objetivos, tem padrões que pretendem uma aceitação universal, pelo menos dentro dos diversos paradigmas culturais em que se enquadra; assenta em conceitos e procedimentos mais ou menos estudados e testados. A estética, por sua vez, situa-se em âmbitos mais nebulosos: algures entre o entendimento e a razão, e numa posição de certa marginalidade em relação a estas faculdades. Uma das questões que se pode colocar é, pois, esta: como lidar com a marginalidade estética e inclui-la no núcleo da questão educativa? Mas há ainda uma dificuldade suplementar: a desconfiança clássica da nossa cultura racionalista em relação aos sentidos. Já os gregos, Platão mais do que todos, consideravam o conhecimento que chega pela via dos sentidos um conhecimento inferior, não digno de crédito, em contraposição ao conhecimento noético, teorético, o conhecimento da *epistemé,* resultante da contemplação das ideias pelo intelecto. Aquilo que resulta da experiência estética sempre foi considerado pela nossa tradição como algo marginal, ao qual não se pode dar demasiada confiança. Mas, como nos tem ensinado a reflexão moderna e pós-moderna, a pressão sobre o centro faz-se em geral a partir das margens. As mudanças que acontecem ao 'centro' são muitas vezes trabalhadas em espaços marginais e teoricamente secundários. Portanto, o influxo da estética (questão marginal) sobre a educação (questão nuclear) pode ser decisivo.

## 4. OS APELOS DA ESTÉTICA

São inúmeros os apelos da estética. Ela não faz, aliás, outra coisa senão lançar apelos. Se a estética nos confronta com os limites das coisas, há um estado de tensão permanente que ela patrocina e em que ela nos mantém. De entre esses apelos lembro apenas alguns, a título de exemplo:

a. A estética apela ao sentimento: educar a sensibilidade é aprender a pôr os pés no chão, aprender uma poética da vida, aprender a puxar o sentido das coisas para os seus limites, para aqueles lugares que não saltam à vista nas ações de rotina do quotidiano. É isso que a arte faz, ou deve fazer.

b. A estética faz apelo a uma aprendizagem da beleza. Ora, a beleza não está nas coisas, nos objetos que contemplamos. Não é uma coisa objetiva, portanto. A beleza está no sujeito, é algo que o sujeito humano (sobre os outros sujeitos não humanos quase nada sabemos) projeta sobre as coisas. A beleza aprende-se. Não é a paisagem que é bela, eu é que lhe atribuo a beleza. A estética apela, portanto, à subjetividade, que não ao subjetivismo.

c. A estética não é uma atitude meramente contemplativa das coisas. Ela apela à transformação dos espaços, do modo de os ver, de os construir e de os viver; e apela também ao modo de os dizer. Ela está profundamente envolvida com a linguagem.

d. Se não pudermos ser bons, sejamos ao menos belos, façamos coisas belas, digamos coisas belas, acrescentemos beleza à beleza do mundo; mas se formos belos, já estaremos, de alguma forma, a ser bons!

Depoimentos de Formadores

# O Banqueiro dos Pobres

José Vicente
Pantera leal

Há uns anos atrás fui encarregado de preparar um GAF para os secretários e tesoureiros do meu núcleo e, por essa altura, tinha como livro de cabeceira "O banqueiro dos pobres", uma quase autobiografia de Muhammad Yunus. Decidi ler o livro talvez impulsionado pelo recente galardão recebido, Nobel da Paz de 2006 atribuído ao banqueiro dos pobres.
Num dado momento do curso precisava de um pequeno texto de reflexão sobre o papel do dirigente adulto no CNE e deparei com o excerto que passo a transcrever:

*"A escola secundária de Chittagong abrir-me-ia novos horizontes.*

*A atmosfera aí era completamente cosmopolita. Os meus colegas eram filhos de responsáveis políticos vindos de diferentes regiões. Eram rapazes muito mais sofisticados do que os alunos que até então conhecera, e muitos deles alcançaram altos cargos na vida e tornaram-se, também, responsáveis políticos.*

*Tratava-se de um dos estabelecimentos de ensino mais reputados de todo o país. Mas, para mim, a sua principal atração era a importância que se atribuía ao escutismo. O centro de escuteiros da escola tornou-se o pólo das minhas numerosas atividades extracurriculares. Com colegas de outras escolas, fazíamos exercícios, jogos, atividades artísticas, discussões, passeios ao campo, espetáculos de variedades em redor da fogueira do acampamento e grandes encontros. Durante as «semanas de ganhar dinheiro», angariávamos dinheiro vendendo produtos, polindo botas e trabalhando em casas de chá. Para além do aspeto lúdico, o escutismo ensinou-me o sentido moral, a compaixão, a religiosidade interior e o amor ao próximo.*

*Foi graças ao escutismo e às boas notas que o meu pai acabou por ver com bons olhos as minhas atividades extracurriculares. Assim, deu-me o dinheiro que eu precisava para as minhas aventuras de escuteiro e começou a ter uma confiança inabalável em mim. Mais tarde, iria apoiar-me sem reserva em todos os meus empreendimentos.*

*Recordo-me mais particularmente de uma viagem de comboio através da Índia, que iria conduzir-nos à Primeira Reunião Nacional de Escuteiros do Paquistão, em 1953, quando parámos para visitar alguns lugares e vestígios históricos. Estávamos assim numa viagem pelo tempo, através da nossa história. Para nós, foi quase uma peregrinação, íamos ao encontro da nossa própria identidade. A maior parte do tempo, cantávamos e brincávamos, mas diante do Taj Mahal em Agra, vi Quazi Sirajul Huq, o nosso diretor-adjunto, muito amado, pelos seus alunos, chorar em silêncio. As lágrimas dele não caíam por causa do monumento, nem por causa dos célebres amantes que nele repousam, nem mesmo pelo poema gravado no mármore branco Disse que chorava pelo nosso destino, pelo peso desta história que carregamos sem saber bem o que fazer com ela.*

*Eu tinha apenas treze anos, mas contagiou-me com a sua imaginação apaixonada. Quazi Sahib tornou-se meu amigo, o meu filósofo e o meu guia na vida. Com o seu encorajamento, o escutismo começou a suplantar todas as minhas outras atividades. Eu era um líder natural, e Quazi Sahib já me deixava marcar o passo do grupo. Foi no escutismo que conheci muitos dos meus amigos de toda a vida, em particular Mahbub, que mais tarde trabalharia comigo no Banco Grameen. Quazi Sahib galvanizava a minha imaginação. Tinha uma sublime influência moral em todos nós. Ensinou-nos a ter a maior exigência connosco próprios, e ele canalizava as nossas paixões e a nossa agitação. Não o fazia com discursos, mas com ações e com uma forma de comunicar muito profunda, a qual teve em mim uma influência para toda a vida."*

*in* O Banqueiro dos Pobres, Difel, 3ª Edição, outubro 2006

Este excerto pareceu-me providencial, pois enquadrava-se perfeitamente no tema que queria introduzir no curso. Falava-nos de um banqueiro de microcrédito, que tinha sido escuteiro com profundas marcas incutidas pelo seu dirigente escutista. Este homem extraordinário colocou todo o seu saber e entusiasmo ao serviço dos mais carenciados, criando-lhes perspetivas de um futuro melhor e em que cada um seria o construtor do seu destino.

Gostaria de enfatizar este aspeto realçando que o adulto no Escutismo pode ter, e tem de certeza, um papel marcante no crescimento das crianças e jovens que lhes são confiados. Uma postura correta, com atitudes certas, com carinho, saber, justiça e alegria, pode marcar de uma forma definitiva o jovem que por nós passou.

Podemos sempre dizer que o escutismo em todas as suas vivências replica a sociedade, sendo os nossos escuteiros, os cidadãos desse universo, onde crescem, brincam, tomam decisões e executam um sem fim de tarefas que os faz ser mais alegres, mais confiantes e felizes.

A seriedade do nosso trabalho, em jeito de brincadeira, molda a criança e o jovem, dando-lhes confiança, tornando-os, quase sempre, empreendedores, com capacidade de arriscar e fazer coisas novas.

Se cada um de nós, dirigentes do CNE, interiorizar este poder que encerra, sentir-se-á compensado pelo seu trabalho e pela dedicação e entusiasmo que coloca ao serviço dos mais novos.

## Quando rezares

# O Burro do Presépio

João César das Neves
*in* Contos de Páscoa, Lucerna – Principia Editora, 2012

No Céu também há cavalariças. É isso que ensina o burro do Presépio. Jesus disse: «Na casa de meu Pai há muitas moradas» (Jo 14, 2). O burro diz que algumas delas têm estrebaria.

Nos palácios do Céu estão os grandes apóstolos, os mártires heroicos, pastores atentos, doutores sublimes, virgens puras, santos incomparáveis. Mas lá também há lugar para aqueles de nós que nos limitamos a levar com fidelidade e diligência a carga que nos foi imposta. Sem fazer coisas extraordinárias, sem sequer compreender bem o sentido de tudo isso, mas desempenhando todos os dias a tarefa que nos está atribuída. É normal que no fim não tenhamos lugar nas mansões do Céu. Mas lá até as cocheiras são maravilhosas. Porque no Céu os currais são Presépio.

Quer isto dizer que qualquer asno entra no Céu? Que, afinal, também lá chegam as vozes de burro? Não. Não basta ser um bom jerico para chegar ao Céu: é preciso mais uma coisa. Claro que é condição indispensável ser um jumento de qualidade. E isso, admitamos, não é nada fácil. Muitos conseguem carregar certas coisas algum tempo, mas o bom burro é aquele que leva o que for preciso, e leva-o todos os dias. Carrega aquilo que tiver de ser, sem discutir, sem escolher, sem resmungar, sem pedir descanso, contentando-se com a ração. Aos apóstolos, mártires e pastores valem-lhes os merecimentos. Mas os burros apenas lá chegam pela fidelidade e pela diligência.

Existe ainda uma outra condição: é preciso reconhecer o tempo em que se é visitado (cf. Lc 19,44). Além de levar a carga, tem de se compreender o que a carga tem dentro. É preciso perceber que no jugo que nos oprime está Jesus. O burro do Presépio levava uma mulher, como tantas outras. Mas a Senhora tinha dentro de si o Salvador. Era isso que fazia dela a mãe de Deus e dele o burro do Presépio. Aqueles que pretenderem seguir os seus passos para chegar ao Céu têm de reconhecer que dentro de tudo o que levam na vida está o mesmo Jesus. Só assim a vida ganha sentido. Só assim a tarefa bruta, árdua, pesada que repetimos quotidianamente se torna caminho de salvação.

Aliás, desta forma, o caminho do burro do Presépio ganha uma grandeza que, em certa medida, é superior à dos demais. Porque nem todos são apóstolos, poucos são pastores atentos e doutores sublimes, são raras as virgens puras e os santos incomparáveis. Mas todos, até esses, numa altura ou outra do caminho para o Céu, têm de passar pela tarefa do burro do Presépio. Todos os santos cumprem com fidelidade e diligência a tarefa que lhes está atribuída: «Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mt 16,24). Assim se entra no Céu, levando a carga da vida, reconhecendo nela a presença do Senhor: trata-se de carregar a nossa cruz, de onde pende Cristo.

Esta é a grandeza do burro do Presépio, uma das mais notáveis da história da salvação. Mesmo que acabe na cavalariça, mas numa cavalariça do Céu. Mesmo que termine num estábulo, mas num estábulo transformado em Presépio pela presença do Senhor do Universo. Do Senhor do Universo que só Se dignou deitar, não num palácio da Terra, mas numa manjedoura. Numa manjedoura de burro.

O Presépio podia existir sem vaca. Podia existir sem pastores, carneiros ou magos. Até podia existir sem São José ou os Anjos. No Presépio existem apenas três personagens indispensáveis: Jesus, Maria e o burro. Jesus é o Deus que Se faz homem, que muda o sentido do universo, que cria o Presépio. Maria é o caminho que Jesus escolheu para vir até nós. O burro é o meio de lá chegarem. Sem Jesus, não haveria Presépio. Sem Maria, Jesus não teria nascido. Sem o burro, Maria não teria chegado ao Presépio.

Esta importância volta a ver-se no final. Estas três são as únicas personagens do Presépio que estão na Páscoa. Na Semana Santa, já lá não está São José, não se veem os magos, pastores ou carneiros, nem sequer há vacas e os Anjos vêm de fugida. Está lá Jesus crucificado, a Senhora das Dores e o burro que leva o Rei no Domingo de Ramos. Até à glória da cavalariça celestial.

# Nótula sobre o presépio

Aristides Dourado, ofs
Búfalo Nocturno
CA 62 - Ordem Terceira - Setúbal

O Presépio é a representação da cena do nascimento de Jesus Cristo, a partir das narrações bíblicas e apócrifas. A própria palavra "presépio", do latim praesepium, evoca a ideia de curral ou estrebaria, local onde se recolhe o gado e onde Maria teria dado à luz o seu filho Jesus.

A mais antiga cena da natividade está representada num fresco das catacumbas de Roma, mas a peculiar devoção de São Francisco de Assis ao nascimento de Cristo levou-o a obter autorização do Papa para recriar em Greccio, em 1223, uma representação do Presépio.

De acordo com as fontes biográficas, São Francisco mandou construir uma manjedoura com feno e junto dela colocar um boi e um jumento. Depois, na presença dos habitantes de Greccio, que iluminavam a noite com os seus archotes, foi celebrada eucaristia sobre essa manjedoura. E, diz-nos Tomás de Celano, que a Francisco pareceu-lhe ver reclinado sobre as palhinhas o próprio menino Jesus. (cf Tomás de Celano, Vita Primeira, 84-87).

Nos séculos seguintes, talvez inspirados por esta cena, e como expressão de um sentimento religioso popular, muitos foram os escultores e pintores e arquitetos que representaram a cena do Presépio. E, como quem conta um conto acrescenta um ponto, foram-se juntando às figuras bíblicas do Presépio, outras da vida campestre, social e, até, política das épocas, sendo famosos os Presépios de Nápoles e, entre nós, os de Machado de Castro.

Naquele tempo…

# São Francisco de Assis um desafio de primeira

Aristides Dourado, ofs
Búfalo Nocturno
CA 62 - Ordem Terceira - Setúbal

Francisco de Assis é um santo tão próximo e tão real que pertence a todos e, por isso, todos, ou quase todos, detêm o seu próprio Francisco. A sua espiritualidade está disseminada em todo o mundo. Religiosos, sacerdotes, leigos, ricos ou pobres, fiéis de múltiplas confissões religiosas, ateus ou homens sem religião, todos entendem, admiram, escutam e, porventura, seguem, a sua mensagem de Paz e Bem.

Também o Corpo Nacional de Escutas, olhando para a figura do "pobre de Assis", o tornou seu e o convocou para santo patrono dos lobitos. Por certo, o seu olhar simples, a sua candura face à grandeza de um menino recém-nascido, e o anúncio da fraternidade universal, devem ter pesado nesta escolha, sábia e certeira.

Ao reler a mística e simbologia da Alcateia, encontrei o título **"O louvor ao Criador",** e logo o meu pensamento correu para aquele que foi **"arauto do grande Rei".** O lobito, convidado a descobrir *"Deus na vida concreta do dia a dia"* e sobretudo **"no próprio homem",** pode encontrar em Francisco de Assis, o mote desta tarefa.

Assim, proponho-vos um olhar sobre o **desenvolvimento espiritual** dos lobitos, ilustrando-o com passagens da vida deste santo. Longe de querer ensinar como passar a mensagem de Francisco de Assis aos lobitos, espero que estas palavras possam ajudar as Equipas de Animação da primeira das secções, no encontro com Francisco de Assis e com a sua espiritualidade.

| OBJETIVO EDUCATIVO | SÃO FRANCISCO DE ASSIS | |
|---|---|---|
| **E1. Conheço as primeiras histórias da Bíblia** | **Escuta** da Palavra de Deus | «... ao passar perto da igreja de São Damião, uma voz interior impeliu-o a entrar e orar. Tendo entrado, começou a rezar com fervor diante da imagem de Cristo Crucificado, a qual lhe falou com doçura e benevolência: «Francisco, não vês que a minha casa cai em ruínas? Vai e repara-ma». A tremer e cheio de assombro, respondeu: "Vou fazê-lo prontamente, Senhor"». (1Cel 13, 6-8) |
| **E2. Sei como Jesus nasceu e que Ele quer ser o meu melhor amigo** | **Veneração** – visível e real – da Incarnação | «Por fim, chega Francisco. Vê que tudo está a postos e fica radiante. Lá estava a manjedoura com o feno e, junto dela, o boi e o jumento. [...] Greccio seria a nova Belém». (cf 1Cel 84-88) |
| **E3. Sei que a Igreja é uma família a que eu pertenço** | **Sujeição** da sua intuição ao "Senhor Papa" | «… deu o Pontífice o seu assentimento à petição e mandou conferir-lhe a necessária legalidade. Encorajou-os depois com muitos conselhos e abençoou-os, dizendo: «Ide com Deus, irmãos, e conforme Ele se dignar inspirar-vos, assim pregai a todos a penitência». (cf 1Cel 33) |
| **E4. Sei que a oração diária é a maneira de eu falar com Jesus** | **Vida** feita Oração | «O bem-aventurado Francisco retirou-se para rezar e, com pureza de coração, pediu ao Senhor que, por sua inefável bondade, se dignasse manifestar-lhos. Depois de prolongada oração e com todo o seu coração concentrado no Senhor, ouviu interiormente a sua voz». (cf AP 35) |
| **E5. Imito Jesus, porque sei que Ele é um exemplo a seguir** | **Um outro Cristo** | «Buscava com ardor descobrir o sentido da visão, mas todo se lhe agitava o espírito no esforço de o conseguir. Não lhe consentindo a inteligência devassar coisa alguma e sentindo-se totalmente subjugado com a singularidade da aparição, eis que nas suas próprias mãos e pés vê surgir os mesmos sinais dos cravos que pouco antes vira no misterioso homem crucificado». (cf 1Cel 94-95) |
| **E6. Identifico diferentes religiões** | **Encontro** com o Sultão Melek-el-Kamel | «Queria era levar a feliz termo, com tentativas mais audaciosas ainda, o grande sonho da sua alma. Por isso, no décimo terceiro ano da sua conversão, partiu para a Síria com um companheiro e, embora recrudescesse de dia para dia a guerra entre cristãos e sarracenos, não temeu apresentar-se diante do Sultão». (cf 1Cel 57) |

| | | |
|---|---|---|
| **E7. Respeito a Criação de Deus** | **Cântico das Criaturas** | «Com que paciência e, mais ainda, com que amor terá abraçado as dores do corpo! [...] Foi nestas circunstâncias que ele compôs alguns dos Louvores das *Criaturas,* convidando-as a louvarem a seu modo o Criador». (cf 2C 213, 7-10; CC) |
| **E8. Falo de Jesus aos meus amigos e explico-lhes porque Ele é importante para mim** | **Anúncio e Convite** ao seguimento de Cristo | Era verdadeiro pregador do Evangelho, fortalecido pela autoridade apostólica; não usava lisonjas e desprezava o encanto dos artifícios oratórios, pois antes de tentar convencer os outros com o seu discurso, procurara persuadir-se a si mesmo, praticando, para poder anunciar a verdade divina com a maior fidelidade». (cf TC 54, 2-3) |

Se, a uma primeira leitura, este quadro pode parecer sujeitar os objetivos educativos da primeira secção à vida de Francisco de Assis, tal exercício tem, apenas, por objetivo suscitar em cada *educador* o desejo de poder apresentar aos lobitos os modelos e ações que me permito delinear de seguida, à laia de exemplo:

**E1** – Antes da Eucaristia pode-se explicar aos lobitos que nas leituras, e de *forma excelente* no Evangelho, Deus dá-nos a conhecer a sua vontade (cf "Dei Verbum" 2), vontade que o sacerdote deve explicar e atualizar na Homilia. Por isso deve o lobito (devemos nós), como São Francisco de Assis, participar na missa para ouvir (agir segundo) a Palavra de Jesus.

**E2** – Todos sabemos que, não tendo Francisco de Assis inventado a representação do presépio, ousou, com autorização do Papa, recriá-la ao vivo, no vasto cenário de Greccio, com pessoas e animais reais. As ações que se podem realizar com os lobitos sobre este temário, são infindas.

**E3** – Reconhecer a Igreja como família, parte, em primeiro lugar, de agirmos familiarmente em Igreja. Isto é, não podemos querer que os lobitos vejam na comunidade eclesial que frequentam uma família se nós formos os primeiros a impedir – por pensamentos, palavras e omissões – que isso aconteça. Aprender a ser família, com Francisco de Assis, é, conquanto à Igreja, aprender o devido lugar de cada um.

**E4** – Começar todas as atividades com uma oração é, talvez, a melhor forma de concretizar este objetivo. E se essa oração não for *formulária,* mas brotar do coração e da inteligência de cada lobito, ou dirigente, então cumprimos o que significava para Francisco de Assis a oração: escuta atenta da vontade de Deus.

**E5** – Ser como Jesus. Imitá-lo. Foi o que Francisco procurou fazer em toda a sua vida. Para os lobitos, Jesus – *feito menino* – será Aquele que, pensando primeiro no seu semelhante, sabia ver e ouvir, ser asseado, verdadeiro e alegre, tudo fazendo da melhor vontade: o seu modelo.

**E6** – Não estamos sós. Não rezamos sós. Por todo o mundo há pessoas que rezam, de forma diferente da nossa, a um deus com um nome diferente. Não podemos esconder esta realidade aos lobitos. À semelhança de Francisco de Assis temos de lhes explicar que, apesar de diferentes, todos somos iguais. Temos, contudo, que ser firmes no anúncio da Verdade que nos trouxe Jesus Cristo. E o primeiro passo para acreditar é conhecer!

**E7** – Enquanto cristãos, e à semelhança de Francisco de Assis, temos de purificar o nosso sentir ecológico: um Escuta não protege as plantas e os animais porque são inferiores a si, ou porque, lhe são necessários e, se mal utilizados, podem vir a faltar. O escuta fá-lo porque, à semelhança de Francisco de Assis, reconhece que eles são «nossos irmãos», criados pelo mesmo Deus, e que, por isso, lhes deve respeito e cuidado.

**E8** – Anúncio e Convite. Foi o que fizemos aos lobitos quando, trazidos pelos pais, vieram ter conosco. Anunciamos o que era o Escutismo, os seus princípios básicos, e fizemos o convite a que viessem experimentar: «Vinde e vede!» (Jo 1, 39). O mesmo fez Francisco de Assis: pregava, muitas vezes sem palavras, só com gestos, o Reino de Deus.

Que este olhar, fruto do contemplar de um franciscano secular escuteiro, possa lembrar a todos os que trabalham com os lobitos, que a Fé, e o Patrono, não são acessórios conquanto à formação integral dos lobitos, como bem o afirma a ação pedagógica que ousamos trilhar.

Paz e Bem!

*Nota:*
*Citações a partir de: "Fontes Franciscanas I – S. Francisco de Assis", Editorial Franciscana, Braga*

# Apresentação da nova rubrica da Newsletter Goodyear: **"Formação de Adultos… a história de uma aventura"**

Carlos Nobre
Castor inteligente

O Corpo Nacional de Escutas está a celebrar 90 anos. 90 anos é um tempo que tem tempo dentro. 90 anos é mais do que a média de vida de uma pessoa. Nestes 90 anos o CNE só o foi porque teve pessoas que lhe deram corpo, alma; que rasgaram caminhos, viveram aventuras e fizeram dele um "ser vivo". É de algumas destas pessoas que esta rubrica se quer ocupar, nomeadamente das que, com o seu conhecimento, a sua competência, o seu saber, e também a sua coragem, ajudaram à formação dos adultos – os Formadores e a Formação – que formaram aqueles que foram os educadores dos jovens de ontem e de hoje e que contribuíram para o seu crescimento.

Esta aventura tem gente dentro, e com essas pessoas tem história e estórias, tem memória, construiu património, deixou herança. É deste devir que esta rubrica quer tratar. Este percurso, já longo, abrir-nos-á novas janelas… através do seu rasto e do seu perfume! Não começa com nenhum de nós, nem aqui nem agora… vem de longe e somos nele um elo nesta cadeia de serviço. Devemo-nos curvar com respeito e gratidão perante a caterva dos seus nomes e do património que, em suma, fizeram o que é hoje o CNE.

Todos somos chamados a cantar… como nos convida o poeta, através das linhas e dos textos que formarão esta rubrica, os sonhos que nesta aventura nos deram conhecimento, identidade, saberes, experiência, exemplos, testemunhos e vida.

Canta, poeta, canta!
Violenta o silêncio conformado.
Cega com outra luz a luz do dia.
Desassossega o mundo sossegado.
Ensina a cada alma a sua rebeldia.

Miguel Torga

## Formação de adultos... a história de uma aventura

# Regulamento das Escolas Regionais de Instrutores

Publicado em "A Flor de Lis", nº2, Março de 1925

Para estudar o problema da formação de instrutores que é agora o problema máximo que urge resolver quanto antes e da melhor maneira possível, reuniu a comissão técnica com a assistência da maioria do seus membros. Pelo sr. Cap. Graciliano Marques, dignissimo comissário regional de Braga, que é também comissário geral dos lobitos, foi apresentado um projecto de regulamento e programa para as escolas regionais de instrutores que, depois de ligeiras modificações, foi aprovado na forma que a seguir publicamos. Foi excluída como impraticável a ideia de uma escola central de instrutores a que aliás o Reg. Geral faz referências, resolvendo-se no entanto organizar, sempre que seja possível, campos nacionais especialmente destinados aos instrutores.

**Regulamento das Escolas Regionais de Instrutores**

Art. 1º - Nos termos do art. 12º, alínea g do Regulamento Geral do C.N.S. é organizada em… uma escola de instrutores com a denominação de…

Art. 2º - O seu fim é preparar os instrutores para os diferentes grupos e alcateias da região.

Art. 3º - Para conseguir o fim indicado serão criados cursos de escutismo prático, de três meses de duração, e cujos programas vão anexos a este regulamento.

Art. 4º - O Comissário Regional será o director do curso, acumulando estas funções com as de mestre de campo e tendo um ajudante da sua escolha para o auxiliar.

Art. 5º - São admitidos à frequência da E.I. apenas os velhos lobos com a categoria de 1ª classe, os actuais instrutores e, transitoriamente, todos os indivíduos de 17 anos de idade que satisfaçam às seguintes condições:

1) Apresentar declaração do seu pároco em como professam a religião católica.
2) Provar que sabem ler, escrever e contar correctamente.
3) Provar que possuem robustez física.
4) Apresentar declaração de que não possuem qualquer vício.
5) Apresentar um trabalho manual que prove a sua habilidade e inteligência.

Art. 6º - Os candidatos após a sua matrícula devem tomar o seguinte compromisso:
Pela minha honra e com a graça de Deus:
Eu prometo empregar todos os meus esforços para me instruir e educar no escutismo, seguindo inteiramente as indicações dos meus chefes, respeitando-os sempre como tais e submetendo-me às disposições do Regulamento Geral do C.N.S. enquanto frequentar a escola de instrutores.

Art. 7º - O uniforme da E.I. é o nº 1 para dirigentes a que se refere o Regulamento Geral com um braçal azul marinho no braço esquerdo, de 4 centímetros de largura, com as letras E.I., em amarelo, no centro.

Art. 8º - Além do mestre de campo, o director e inspector regionais desempenharão as funções de director e chefe de administração da escola, podendo no entanto fazer-se substituir por pessoas de sua confiança.

Art. 9º - Além destas entidades a escola deverá possuir um médico e os instrutores necessários para as especialidades.

Art. 10º - Quinze dias depois de terminado o curso, realizar-se-hão os exames finais.

Art. 11º - Os concorrentes que não derem provas suficientes podem repetir os seus cursos até 2 vezes.

Art. 12º - O juri será constituído pelo Comissário Nacional se estiver na localidade ou pelo Comissário Geral da secção dos candidatos, pelo Comissário Regional e pelos instrutores da escola respectivos.

Art. 13º - Cada curso não deverá ter uma frequência superior a 18 candidatos.

Art. 14º - Nos casos omissos deste regulamento resolverá de harmonia com o seu espírito o mestre de campo.

**Programa das Escolas Regionais de Instrutores**

1) **Disciplinas:** português, desenho, trabalhos manuais, escutismo e ginástica.
2) **Duração do curso:** três meses.
3) **Acampamentos:** quinze dias, sendo um dia por semana e a última semana de instrução.
4) **Número de lições semanais:** duas de português, uma de desenho, uma de trabalhos manuais, três de escutismo e uma de ginástica.
5) **Conferências semanais:** todos os sábados.

**PROGRAMA:**

a) **de português** – fonologia, morfologia e sintaxe; exercícios de redacção, variados em cada lição.
b) **de desenho** – desenho à vista, de produtos da natureza, desenho topográfico e croquis panorâmicos.
c) **de trabalhos manuais** – dobragem, recorte, tecelagem, mosaico, picotagem, entrelaçamento, modelação e talha.
d) **de escutismo** – ideia geral do movimento, seu fim, sistema de patrulhas, aplicações do lenço do scout, a lei do escuteiro, improvização de macas, cuidados a prestar nos casos de queimaduras, cortes, hemorragias nasais, corpos estranhos nos olhos, saber transportar um ferido, sinalagem (Morse e Homógrafo) com bandeiras, relatórios, jogos, orientação pela bússula, relógio, etc., conhecimento do tempo provável, ventos, etc., medir distâncias e alturas, relógio do sol, higiene dos acampamentos, latrinas, armar tendas, sua disposição e comodidades de que podem rodear-se, escolha do acampamento, fogueiras e cozinhas, preparar um fogo no campo e cozinhar uma refeição, trabalhos caseiros e de aplicação prática no campo, natação, modelos de pontes, pistas, como proceder em caso de incêndio, acidente de electricidade, mordedura de cão raivoso e cavalo desbocado, a direcção dum acampamento, noções de história e corografia nacionais, as três secções e métodos pedagógicos do escutismo, marchas até 30 quilómetros, conhecimento geral do manual da secção do candidato, diplomas de especialidades, perigos do alcóol e do tabaco.
e) **de ginástica** – noções de anatomia e fisiologia do corpo humano, fisiologia especial do exercício, o método, lições graduadas.
f) **das conferências** – os instrutores e o director do campo escolherão alternadamente entre si os temas das conferências semanais.
g) **dos acampamentos** – aos domingos a Escola acampará, para o que, todos os sábados, um aluno apresentará o programa dos trabalhos para o dia imediato que será submetido à apreciação dos restantes. A última semana de instrução constituirá um acampamento de prática e treino de escutismo ao ar livre, reservando-se o último dia para a prova prática final dos candidatos a instrutores. Este acampamento é dirigido superiormente pelo mestre de campo.

É a primeira experiência que o Corpo Nacional de Scouts faz para resolver a maior dificuldade com que tem sempre lutado as associações de scouting.
Se os resultados não forem bons, outras experiências serão tentadas.

# Bibliografia
# *Vaticano II, 50 anos, 50 olhares*

Fernando Andrade
Lobo malhado

No passado dia 11 de outubro de 2012 iniciou-se o Ano da Fé que decorre até 24 de novembro de 2013. "Porta Fidei" (Porta da Fé), do Papa Bento XVI, é a Carta Apostólica com a qual se proclama o Ano da Fé. Esta Carta Apostólica valoriza ainda outras datas, nomeadamente o início do Concílio Ecuménico Vaticano II, que se iniciou precisamente a 11 de outubro de 1962 e os 20 anos da publicação do Catecismo da Igreja Católica.
O Concílio Vaticano II, convocado pelo bom Papa João XXIII, transfigurou a Igreja, todos o constatamos com verdade.
Com certeza já todos ouvimos falar da missa celebrada em latim, do celebrante de costas para a assembleia, assembleia essa que tinha pouca participação e lhe dava as respostas sem saber muito bem o significado do que dizia.
O Concílio Ecuménico Vaticano II foi muito mais do que uma importante reforma litúrgica implementada no período pós conciliar. O Concílio Vaticano II mudou radicalmente a Igreja, recentrando-a nas origens, não perdendo a Tradição, um dos dois pilares da Igreja Católica (o outro são as Sagradas Escrituras), renovando a forma como a própria Igreja se relaciona consigo e no mundo em que se insere e que evangeliza, sua missão principal.

Por certo, a maioria dos leitores não se lembra dos tempos pré-conciliares, nem de como a Igreja se integrava num mundo em constante mudança (meados do século XX) e dos desafios que então se colocavam à Igreja.
Na tentativa de ajudar a compreender o enquadramento, o conteúdo e as consequências do mais importante Concílio da Igreja Católica dos últimos séculos, a Editora Paulus, lançou um livro que se chama: "Vaticano II, 50 anos, 50 olhares". Esse é o livro que vos propomos para início de preparação e participação no Ano da Fé. Trata-se de um livro que faz uma similitude entre 50 anos e 50 olhares, testemunhos, visões pessoais e objetivas sobre determinadas perspetivas do Concílio Ecuménico Vaticano II, feitos por diferentes personalidades.
Do Concílio resultaram quatro constituições nucleares *(Lumen Gentium, Guadium et Spes, Dei Verbum e Sacrosantum Concilium)* além dos importantes nove decretos e três declarações. Ora este livro apresenta-nos os olhares, poderemos dizer análises, distribuídos pelos documentos supracitados, desde o do próprio papa João XXIII ao atual Bento XVII (todos participantes no Concílio), de 11 bispos (alguns também participantes no Concílio), diversos padres, religiosos e religiosas, além de vários leigos e algumas figuras públicas, como por exemplo: Adriano Moreira, Aura Miguel, Guilherme de Oliveira Martins, João César das Neves, João Duque, Marcelo Rebelo de Sousa entre outros. A não perder.
Para motivar aqui fica um "cheirinho" da ação do saudoso Servo de Deus, Beato João Paulo II, evocado e homenageado por Bento XVI:

*"O Concílio Vaticano II foi «uma dádiva do Espírito à sua Igreja», segundo João Paulo II, e «um extraordinário evento eclesial, nascido do coração de Deus, por meio de uma intuição de João XXIII, e que teve em João Paulo II um intérprete qualificado e uma testemunha coerente».*

Esperamos ter-te suscitado a vontade de procurar este livro e de o ler, fazendo votos de que te ajude a celebrar mais profundamente o Ano da Fé. Boas leituras.

*Chega uma criança*
*À madrugada*
*Desarmada*
*Traz mãos e pés e uns olhos tão bonitos*
*Traz um rasto de lume e de esperança*
*E uma espada*
*Apontada*
*À raiz dos nossos conflitos.*

É assim que vem Jesus em filigrana pura,
em contra-luz coada de alegria,
e atravessa ao colo de Maria as páginas arenosas da Escritura.
Ei-lo que vem rosado de ternura,
esfrega os olhos azulados de lonjura,
salta para o chão,
vê-se que procura a minha mão, sabe o meu nome e o de toda a criatura.

Conta-me histórias, a dele e a minha,
mas conta também as estrelas uma a uma,
apresenta-me Abraão, Moisés, David,
demora-se um pouco no caminho com Elias, Isaías, Miqueias, Jeremias,
recebe os pastores dos campos em Belém, canta com eles,
acena aos anjos nas alturas,
fica longamente extasiado a abrir os presentes trazidos pelos magos.

O espaço que habita é um curral
que os animais gratuitamente acederam partilhar com ele,
com ele brincam,
vê-se que sabem de cor a partitura de Génesis um e de Isaías onze.

Maria e José também conhecem e jogam esse jogo,
esfuziante corre-corre de alegria,
até eu dou por mim a fazer casinhas num prato de aletria,
mas na sala ao lado há gente a dormir longe dali,
refastelada e dormente, indiferente,
trocando a luz do dia pela romaria.

Oh humanidade sem sal, sem sol e sem sonho,
só com sono,
acorda que já a luz desponta,
todo o tempo é pouco porque o tempo é graça,
não fiques atolada na desgraça, desconsolada e triste,
como quem tem sempre que pagar a conta.

Levanta-te,
olha em redor e vê que já nasceu o dia,
e há-de andar por aí uma roda de alegria.
Se não souberes a letra, a música ou a dança,
não te admires,
porque tudo é novo.
Olha com mais atenção.
Se mesmo assim ainda nada vires,
então olha com os olhos fechados,
olha apenas com o coração,
que há-de bater à tua porta uma criança.
Deixa-a entrar.
Faz-lhe uma carícia.
É ela que traz a música e a letra da canção.
Ela é a Notícia.

**+ António Couto, Bispo de Lamego**

# Votos de Santo Natal e Feliz Ano Novo 2013 a todos os Formadores do CNE

## Equipa Goodyear

**Goodyear** NEWS

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Escutismo Católico Português

Equipa Nacional dos Adultos

www.cne-escutismo.pt

**Goodyear** NEWS

**Equipa Goodyear:**
Carlos Nobre, Matilde Santos,
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.
Design gráfico: Pedro Botelho

goodyear@cne-escutismo.pt

**Colaboraram nesta edição:**
Aristides Dourado (Região de Setúbal)
Carlos Nobre (Região do Porto)
Fernando Andrade (Região do Porto)
José Vicente (Região dos Açores)
Pedro Duarte Silva (SNP)
E a participação especial de Nuno Higino
Capa – Regina Dinis